Correio da Manhã

Ano CXXV - Nº 25.119



Divulgação

#cm 2

QUINTA-FEIRA

O SUSPENSE DO ANO

Dirigido pela **cineasta americana de origem brasileira Beth de Araújo,** "Josephine – Fragmentos de um Crime" **aborda as marcas de um trauma psicológico após uma menina de oito anos testemunhar uma violência sexual** num parque. Aclamado pela crítica internacional e **cotado para a corrida do Oscar, o longa ganha exibições na reta final do Festival do Rio.** Página 2

‘A Testemunha’ versão 2026

Festival do Rio

Beth de Araújo, cineasta americana filha de goiano, que sonha filmar no país do pai, ganha o mundo cinélifilo com ‘Josephine’, suspense que venceu Sundance e brilha no fim do Festival do Rio

Divulgação



A presença de Channing Tatum, astro de quilate AA, em ‘Josephine’ tornou o projeto de Beth (abaixo) possível

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Eletrizante do primeiro ao derradeiro segundo, “Josephine – Fragmentos de um Crime”, filme mais aguardado entre as estreias deste fim de semana de encerramento do 28º Festival do Rio, tem CEP estadunidense, é falado em inglês e conta com um astro do porte de Channing Tatum – mas... carrega DNA brasileiro. A assinatura da direção é de Beth de Araújo, americana de São Francisco, filha de um goiano de quem herdou a nacionalidade brasileira.

A cineasta traz sua joia às telas cariocas para três projeções. Há como vê-la na sexta-feira, dia 9, às 19h15, no Cine Odeon – CCL-SR; no sábado, dia 10, às 21h15, no Reserva Cultural Niterói 1; e no domingo, dia 11, último dia do festival, às 21h45, no Estação Claro Gávea 5.

Tais exibições estão badaladas por conta da trajetória meteórica do longa-metragem, que venceu, em janeiro, o Grande Prêmio do Júri e o Prêmio do Público no Festival de Sundance; atravessou o Atlântico para disputar o Urso de Ouro da Berlinale, em fevereiro; e, há duas semanas, brilhou na Espanha, no Festival de San Sebastián. Está já credenciado como uma das produções independentes americanas a serem observadas na corrida pelo Oscar.

Realizadora do cultuado “Suaves e Discretas” (2022), Beth transforma em cinema uma recordação traumática. Anos atrás, ela e o pai testemunharam uma agressão sexual e intervieram. A experiência tornou-se a matriz de “Josephine – Fragmentos de um Crime”, misto febril de drama familiar, thriller psicológico e suspense de tribunal, no qual a realizadora investiga o que acontece quando uma criança passa a enxergar perigo em toda parte. “Eu não conseguia escrever sobre outra coisa”, explicou a diretora sobre a longa gestação do projeto, que chegou a ser engavetado por dificuldades de financiamento. O jogo virou depois que Tatum assistiu a “Suaves e Discretas” e perguntou à realizadora o que ela preparava. A resposta era que havia um papel para ele. “Eu disse: ‘Então vamos fazer o filme agora. Com Channing Tatum, vou conseguir o financiamento’”, recorda Beth, em entrevista ao Correio da Manhã em San Sebastián.

Divulgação



Sua trama evoca “A Testemunha” (1985), de Peter Weir, mas sem Harrison Ford. Lá, um menino do povo Amish via um assassinato. Aqui, Josephine, de oito anos, vivida pela impressionante Mason Reeves, sai para uma corrida matinal com o pai, Damien (Tatum), no Golden Gate Park, em São Francisco, quando testemunha uma violência sexual. O episódio destrói sua sensação de segurança. Obrigada posteriormente a lidar com as consequências do que viu, a menina passa a enxergar a figura do agressor por todos os lados e reage ao medo com violência. Gemma Chan interpreta a mãe, completando uma família que tenta proteger a criança ao mesmo tempo em que se vê obrigada a enfrentar seus próprios limites.

> *“O elemento de thriller está, de certa maneira, contido no medo que as pessoas enfrentam diariamente diante da violência sexual”*
>
> **BETH DE ARAÚJO**

É aí que o filme encontra sua potência. Beth trabalha o trauma como matéria de suspense e faz da percepção infantil uma espécie de câmera subjetiva emocional. Não há necessidade de flashbacks explicativos: a fotografia de Greta Zozula transforma parques, ruas, casas e espaços cotidianos em territórios potencialmente ameaçadores. “O elemento de thriller está, de certa maneira, contido no medo que as pessoas enfrentam diariamente diante da violência sexual”, explica Beth. “O mundo parece muito perigoso para mim. E acho que a escuridão pode tomar conta da nossa mente”.

Tatum, despido da embalagem de galã, encontra em Damien uma figura paterna de rara densidade. Beth pediu ao astro que engordasse, dispensasse maquilhagem e abandonasse qualquer glamour, mas o elemento decisivo veio da experiência pessoal do ator como pai de uma menina. Antes das filmagens, Tatum e Mason passaram bastante tempo juntos para que a proximidade física entre os dois surgisse diante da câmera como um reflexo, e não como marcação de cena.

Há ainda um cuidado particular na atuação de Mason. A jovem atriz nunca presenciou a encenação da violência sexual, não leu integralmente o roteiro e trabalhou as emoções mais pesadas a partir de memórias infantis que pudesse compreender. Beth preferiu preservar a atriz do conteúdo adulto e construir com ela equivalências emocionais para cada sequência.

“Creio que o thriller é inerente ao medo que as pessoas enfrentam diariamente diante da violência sexual. Olhamos por cima do ombro, tomamos cuidado com os lugares onde colocamos nossos corpos. Isso, por si só, já é um thriller”, defende Beth. “É curioso porque, quando fiz meu primeiro filme, achava que estava simplesmente fazendo um drama. Um amigo foi a uma sessão-teste e me disse: ‘Você fez um filme de terror’. E eu respondi: ‘Não queria fazer um filme de terror. Talvez eu simplesmente enxergue o mundo como um lugar horrível’. Talvez eu pressinta a violência ao nosso redor”.

Segundo a cineasta, em “Josephine – Fragmentos de um Crime”, aconteceu algo parecido. Nunca começo um filme com a intenção de trabalhar dentro de um gênero específico, embora meus gostos tendam para o drama e o thriller. Talvez eu gravite em torno desses gêneros porque é assim que o mundo me parece: perigoso. E a escuridão pode tomar conta da nossa mente quando tentamos compreendê-la. Era isso que eu queria explorar no trabalho com Mason e todo o nosso time”.

O Festival do Rio 2026 apaga suas luzes neste domingo, com a entrega de prêmios.

Esquadra multinacional com fome de Oscar

Festival do Rio

Produções estrangeiras com chances de estatueta buscam espaço nas telas cariocas

Divulgação



'A Grande Estreia' (The Debut) consagra Jesse Eisenberg como cineasta, mais uma vez

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Tem olheiro de Hollywood farejando um cheiro de Oscar na programação desta quinta-feira no 28º Festival do Rio, sobretudo pela presença em tela do ator e cineasta Jesse Eisenberg, o Mark Zuckerberg de "A Rede Social" (2010), que vem afirmar suas destrezas como realizador com "A Grande Estreia" ("The Debut").

A produção concorreu à Concha de Ouro em San Sebastián, na Espanha, há duas semanas, e passa por terras cariocas nesta tarde, às 14h, no Kinoplex São Luiz. Já se fala em estatuetas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood para o modo como sua protagonista, Julianne Moore, interpreta a tímida Mona, que resolve se candidatar ao elenco de um musical, mesmo sem experiência teatral profissional. Paul Giamatti interpreta Jerry, o encenador que vai testar o limite dessa candidata ao posto de ave canora, num exercício de crueldade e vaidade.

O possível concorrente da Áustria ao Oscar também pede espaço para si nesta quinta: "Rose". Tem projeção às 14h15, no Cinesystem Belas Artes 6. A direção é de Markus Schleinzer. Sandra Hüller, sua estrela, ganhou o Urso de Prata de Melhor Interpretação Protagonista na Berlinale ao reviver um causo sobre uma mulher, do início do século XVII, que se disfarçou de homem, assumindo a identidade de um soldado morto, fazendo das terras dele o seu lar. Tudo vai bem até que o tal personagem forjado por ela é forçado a se casar e... ser pai.

Representante oficial do Chile para o colegiado da Academia Hollywoodiana, "O Degelo" ("El Deshielo"), da atriz e diretora Manuela Martelli, busca holofotes no Festival às 16h45 deste 8/10, no Estação Claro Gávea. Ambientado em 1992, o filme acompanha a menina Inés durante uma temporada no hotel dos avós, localizado em uma região montanhosa, onde ela conhece Hanna, uma jovem esquiadora alemã. A convivência entre as duas é interrompida quando Hanna desaparece sem deixar vestígios, obrigando Inés a participar de uma busca que acaba revelando segredos escondidos naquele ambiente aparentemente protegido.

"Feito Pipa", fofura cearense que pode nos oscarizar em 2027, também está em campo: passa às 16h30, no São Luiz 2. Nele, o craque de bola Gugu (Yuri Gomes) precisa lidar com o pai cheio de preconceitos (Lázaro Ramos) ao ser afastado da rotina com sua amada avó Dilma (Teca Pereira). Na sexta, essa pérola de Allan Deberton passa às 16h15 no Est. Gávea e, no sábado, tem projeção no Reserva Cultural de Niterói, às 19h.

O CINEMA NACIONAL GANHOU UM NOVO PRÊMIO.

OLHAR BRASIL
PRÊMIO CORREIO DA MANHÃ
FESTIVAL DO RIO

O CORREIO DA MANHÃ CRIOU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, EVENTO PARALELO DO FESTIVAL DO RIO, PARA DESTACAR OS MELHORES LONGAS DE FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO, VALORIZANDO A NOSSA POTENTE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COM UM OLHAR DE RECONHECIMENTO AO BRASIL QUE EMERGE NAS TELAS.

JURADOS


RODRIGO FONSECA
ROTEIRISTA E CRÍTICO DE CINEMA DO CORREIO DA MANHÃ


PAULA MARTINEZ MELLO
JORNALISTA, MONTADORA, PRODUTORA E SECRETÁRIA DO CEDIM


CÉSAR MONTEIRO
CRÍTICO DE MÚSICA E CINEMA


AFFONSO NUNES
JORNALISTA E EDITOR DO CADERNO CULTURAL DO CORREIO DA MANHÃ


GUSTAVO VALENTE
EDITOR DO CANAL SET POR SETE E APRESENTADOR DO MOMENTO CRÍTICO



Realização:
Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita

Animando nossa **alma de vira-lata**

Festival do Rio

Artesão maior da animação nacional, Otto Guerra se une a mais três cineastas na criação de um desenho sobre a busca da paternidade que arrebatou a Première Brasil por sua excelência

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



O cão Bacalhau (na voz de Matheus Nachtergaele) testemunha Ismael (Gabriel Martins) se safar de perigos de jeitos tortos em 'O Filho da Puta'

Mais surpreendente (e vigoroso) de todos os concorrentes de ficção apresentados na disputa oficial pelo Redentor de 2026 até agora, "O Filho da Puta", dobradinha criativa da lendária Otto Desenhos Animados com a Anaya Produções, é uma mistura de Chaplin com Glauber Rocha num sertão mineiro com cara de Nordeste, regado a Odair José. Egresso da seção Contrechamp (Contracampo) do Festival de Annecy, espécie de Cannes da animação, na França, essa joia foi dirigida a oito mãos, por Sávio Leite, Érica Maradona, Otto Guerra e Tania Anaya, sob o sólido pavimento do roteiro de Carla Guimarães.

Ganhou prêmio no AnimaFest Zagreb, na Croácia, uma das mais antigas mostras animadas do planeta, que está em sua edição número 54, em junho, e... devagarzinho... espalha-se planeta adentro, com uma direção de arte arrebatadora. O visual lembra xilogravura e o poster de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964). O clima é meio Graciliano, ainda que a ironia escrachada seja Otto puro, com direito ao gogó do cineasta Gabriel Martins como voz do protagonista.

"Passamos na Suíça já, também, estivemos no Cine BH... e, aos poucos, vamos ganhando tela", dizia Otto Guerra, que parece ter superado sua (até então) obra-prima, "Wood & Stock" (2006).

A trama de seu novo filme (erguido com Érica, Tania e Sávio) se passa na pequena vila de Veredas, onde fica a Casa Rosa, um famoso bordel administrado pela mãe do protagonista, Ismael. Por causa disso, ele é conhecido como o "Filho da Puta". Tentando deixar essa realidade para trás, Ismael se afasta dos laços maternos em busca das duas coisas que nunca conheceu: seu pai e o oceano. Um amigo vai com ele pelo caminho, o cachorro aleijado (que fala... pacas) Bacalhau, o personagem mais sábio – e encantador – do Festival do Rio n°28, graças ao talento do eterno João Grilo, Matheus Nachtergaele. Esse campeão de bilheteria trabalhou com Otto antes, em "A Cidade dos Piratas" (2018).

A música de João Omar é um dos eixos mais elogiados da saga de Ismael, que pode valer um prêmio de coadjuvante a Nachtergaele. "Achei que é uma pequena obra de arte. Eu digo 'pequena' porque ela tem uma singeleza que condiz com o que eu acho que a gente é, lá no fundo: um país vira-lata, de um aspecto singelo comovente, correndo um perigo, sem uma pata, tipo o Bacalhau", diz Nachtergaele. "Vi o longa no dia seguinte à eleição. Fui ao cinema tristonho, mas pensando: 'vai ser bonito'. E foi. Saio dele numa outra animação".

Gabriel Martins, o Ismael, dirige o que promete ser o competidor mais forte de Otto, Érica, Tania e Sávio: o comovente "Vicentina Pede Desculpas", que passa na sexta.

> *"Achei que é uma pequena obra de arte. Eu digo 'pequena' porque ela tem uma singeleza que condiz com o que eu acho que a gente é, lá no fundo: um país vira-lata"*
>
> **MATHEUS NATCHERGALE**

DICAS DE QUINTA - FESTIVAL DO RIO

POR **RODRIGO FONSECA**

Divulgação



CONGO BOY, de Rafiki Fariala (República Centro-Africana): Na cidade de Bangui, Robert, um adolescente de 17 anos, sonha em seguir carreira na música enquanto a guerra civil devasta seu país. Quando seus pais são presos, o jovem se vê sozinho e responsável por cuidar de seus quatro irmãos mais novos. Determinado a realizar seu grande sonho, o jovem precisa conciliar a rotina da família, trabalhos ocasionais, provas escolares e apresentações musicais. Onde: CineCarioca José Wilker 1, 16h

Divulgação



IN WAVES, de Phuong Mai Nguyen (França): De CEP francófono, mas com um coração vietnamita em seu peito (de sua diretora), esse drama com um pé no mar e outro na morte, abriu as alas da Croisette para a animação. Seu pavimento é uma HQ homônima do surfista e artista gráfico AJ Dungo, lançada no Brasil pela Nemo e baseada em uma perda pessoal dele. Um skatista se apaixona por uma surfista, na alvorada da adolescência de ambos, mas tomam "um caixote" do destino, na forma de um tumor. Onde: Cine Santa, 18h15

Divulgação



SEIS MESES NO PRÉDIO ROSA E AZUL, de Bruno Santamaría Razo (México): Inspirado nas memórias do diretor e rodado em 16mm, o filme nos leva para a Cidade do México no início da década de 1990. No dia em que completou 11 anos, Bruno percebeu ter sentimentos por seu melhor amigo, Vladimir. Os dois entram em conflito com o anúncio repentino de que seu pai foi diagnosticado com HIV. Como nas canções de salsa, a família canta e dança para se afastar da dor. Trinta anos depois, Bruna filma e reimagina a memória. Onde: Cinesystem Belas Artes 4, 21h30

ABRE-ALAS DO CORREIO

SÉRIE ESPECIAL
DOS ENREDOS DE 2027

UNIÃO DE MARICÁ

Maricá é um sonho de Brasil

Campeã da Série Ouro, a escola abre os desfiles do carnaval 2027 contando a vida de Darcy Ribeiro

FRED SOARES
Especial para o Correio da Manhã

O primeiro som do domingo de Carnaval de 2027 na Marquês de Sapucaí vai ter sotaque maricaense. Quando as luzes da Avenida mal tiverem acabado de acender, a União de Maricá vai entrar para fazer o que nenhuma escola da cidade fez até hoje: desfilar no Grupo Especial. Será em 7 de fevereiro, abrindo a noite de desfiles com o enredo "Utopia Brasil: Darcy Ribeiro".

Vai cantar a história de um homem que passou a vida sonhando com um país que ainda não existia e que nunca deixou de acreditar nele. A escola tem onze anos e subiu como um foguete. Nasceu em 2015, por iniciativa do prefeito Washington Quaquá, hoje presidente de honra, para devolver o Carnaval a uma cidade que o perdeu em 2008, quando acabaram os desfiles locais. Foram anos de rua sem tamborim, e a União chegou para acabar com esse silêncio. Estreou na quarta divisão em 2016 e ganhou o primeiro título em 2018, com um enredo sobre o centenário do Cordão da Bola Preta. Foi vice-campeã da Série Prata em 2023 e chegou à Sapucaí em 2024, quando terminou em quarto. Em 2025, quinto, para em 2026 levar o título, com "Berenguendéns e Balangandãs", de Leandro Vieira: 269,4 pontos, mesmo depois de perder dois décimos por estourar o tempo e de um acidente com o último carro alegórico. O desfile do título falava de joias que eram também amuletos, e do balangandã como uma poupança de mulher negra, penduricalho que podia comprar alforria. Da quarta divisão ao Especial, a escola trocou de pele a cada degrau.

Pele, aliás, é justamente o assunto. O homenageado, Darcy Ribeiro, dizia que se parecia com as cobras por ter muitas peles. Antropólogo, educador, escritor, indigenista e político, defendeu a escola pública e a causa indígena. Esteve na criação da UnB, na ideia dos Cieps e no projeto do Sambódromo, que leva o seu nome. Ou seja: Maricá vai contar a vida de Darcy na avenida que já é dele. E vai contá-la de casa, porque ele viveu em Cordeirinho, no município, e escreveu ali parte de "O Povo Brasileiro".

Em 2027 completam-se 30 anos da sua morte. O fio condutor é essa imagem das muitas peles. A escola vai atravessar as várias vidas de Darcy atrás de uma utopia só: um Brasil real, ainda inacabado, mais justo, democrático e consciente da própria identidade. Para o diretor de Carnaval Mauro Amorim, essa utopia não ficou no pensamento, virou realização, e é nela que o desfile se apoia. A sinopse é de Mauro Cordeiro, e o desenvolvimento, do carnavalesco Edson Pereira. Edson chega depois de dois carnavais na Unidos da Tijuca e conhece o Especial por dentro: passou também por Salgueiro e Vila Isabel. Tem três títulos da Série Ouro, com Renascer de Jacarepaguá (2011), Viradouro (2018) e Unidos de Padre Miguel (2024, junto com Lucas Milatto). Ocupa a vaga de Leandro Vieira, que ficou na Imperatriz Leopoldinense, já que não pode assinar duas escolas do Grupo Especial.

Alexandre Macieira/Riotur



Imagem do desfile de 2026 que levou a União de Maricá da Série Ouro ao Grupo Especial

O elenco ganhou reforços grandes. Julinho Nascimento e Rute Alves dançam juntos desde 2008 e passaram oito carnavais na Viradouro, campeã do Grupo Especial em 2026. Rute soma títulos na elite. Agora, os dois carregam a bandeira de Maricá como novo primeiro casal, no lugar de Fabrício Pires e Giovanna Justo, o casal do acesso.

Na bateria, Paulinho Steves, mestre desde 2022, passa a dividir o comando com Nilo Sérgio, que passou vinte anos à frente da Portela e tem quatro Estandartes de Ouro. Zé Paulo Sierra segue como intérprete, com contrato até 2027. Patrick Carvalho continua na comissão de frente. E Rayane Dumont, que começou como passista, desfila pela sétima vez como rainha e será a primeira a passar pelos três grupos na mesma escola, do chão da Intendente Magalhães ao asfalto da Sapucaí. Mauro Amorim acumula as direções de carnaval e de harmonia, esta ao lado de Helton Dias. O samba foi escolhido em setembro, na quadra, entre três finalistas.

Na madrugada de 19 de setembro, venceu a parceria liderada por Moacyr Luz, nome de peso do samba carioca, com Rafael Gigante, Wanderley Monteiro, Babby do Cavaco, Vinicius Ferreira, Marcelinho Moreira, Jefferson Oliveira e Hélio Porto. Cinco deles já assinavam o samba da escola em 2025. É a trilha de um país por fazer, e vai ter de ser cantada por uma comunidade inteira de olho na permanência entre as grandes Quem abre a noite entra com a arquibancada ainda enchendo.

Maricá já mostrou que sabe ganhar. Em 2026 estourou o tempo em dois minutos, e no Grupo Especial um erro desses custa mais caro na sua luta de permanecer entre as grandes. Mas quem já trocou de pele tantas vezes em onze anos vai saber bem como se adaptar ao novo cenário.



FICHA TÉCNICA

ESCOLA: Grêmio Recreativo Escola de Samba União de Maricá
FUNDAÇÃO: 26 de maio de 2015
PRESIDENTE: Matheus Santos
Presidente de honra: Washington Quaquá
ENREDO: Utopia Brasil - Darcy Ribeiro
DESFILE: domingo, 7 de fevereiro de 2027 (1ª escola, às 22h)
CARNAVALESCO: Edson Pereira
ENREDISTA: Mauro Cordeiro Direção de carnaval e de harmonia: Mauro Amorim
INTÉRPRETE: Zé Paulo Sierra
MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Julinho Nascimento e Rute Alves
BATERIA: Paulinho Steves e Nilo Sérgio
RAINHA DE BATERIA: Rayane Dumont
COMISSÃO DE FRENTE: Patrick Carvalho
COREÓGRAFA DO PRIMEIRO CASAL: Beatriz Badejo

SAMBA-ENREDO

COMPOSITORES: Moacyr Luz, Rafael Gigante, Wanderley Monteiro, Babby do Cavaco, Vinicius Ferreira, Marcelinho Moreira, Jefferson Oliveira e Hélio Porto

Desperta pra sonhar, menino
Na janela do divino já raiou sua missão
Quando o império é desatino
Utopia no destino, cai na indignação
Do sacrário verde, fez morada sob o céu
Um quase originário, Kaapor e Kadiwéu
Atrevido pensamento
Contra o aprisionamento
No exílio opressor
Sua arma foi o livro
Permanece ainda vivo
Livre em cada educador

Ergue a Zambi um monumento
Nessa praça, um fazimento
Coroando Rei Zumbi (Rei Zumbi)
Ao cortejo quilombola
Onde o samba faz escola
Avenida de Darcy

Boêmio, sedutor, é luz na cegueira
Um brinde aos amigos de luta e trincheira
Se é perfeita, a forma mais concreta
Integral, nada discreta, a esperança nos mantém
Vida, universidade, pra afastar toda maldade de moer gente de bem!
Pra gente ser feliz, reforma o tal progresso
Fracasso é um sucesso quando fala o coração
Tantas peles eu vesti
Pra que todo favelado vá sonhar como Darcy?

Meu país é Maricá, utopia mãe gentil
Nunca pare de lutar pra mudar esse Brasil
zA vitória popular nessa pátria tão hostil
É educar um filho da mãe solo que pariu!

O chamado **do samba**

Cantora e pianista Leila Pinheiro leva ao Espaço BNDES o show gratuito 'Viva Meu Samba', com repertório dedicado a mestres do gênero

AFFONSO NUNES

Leila Pinheiro chega ao Espaço Cultural BNDES nesta quinta-feira (8), às 19h, com "Viva Meu Samba", espetáculo em que a cantora e pianista desloca o samba de participação recorrente em seu repertório para o centro da cena. Não se trata de visita aleatória aos clássicos do gênero, mas de uma pesquisa que aprfundada, reunindo canções de Dona Ivone Lara a Arlindo Cruz, de João Nogueira a Xande de Pilares, e que também abre espaço para canções que ela admite estar cantando pela primeira vez.

O ponto de partida do show é a celebração dos 45 anos de carreira da artista, mas a ideia não é fazer uma retrospectiva convencional. Leila já havia gravado e apresentado o projeto "Eu Canto Samba", em 2013; agora, retomou o assunto, com roteiro e direção de Marcus Fernando. "Acho natural e bem-vindo este mergulho mais profundo nos sambas", diz ela. "Me sinto mais desafiada agora neste show porque escolhi sambas pouco conhecidos por mim, alguns sendo cantados pela primeira vez", avisa.

A seleção inclui "Nação", de João Bosco e Aldir Blanc; "Tendência", de Dona Ivone Lara e Jorge Aragão; "Fogo de Saudade", de Sombrinha e Adilson Victor; "Trilha do Amor", de Xande de Pilares e Rogério Bernini; além de repertório associado a Cartola, João Nogueira, Almir Guineto, Nei Lopes e Arlindo Cruz. Há ainda "Minha Mangueira", composição de Leila dedicada à Estação Primeira de Mangueira. O programa recupera também "Verde", de Eduardo Gudin e Costa Netto, canção ligada à projeção nacional da cantora no Festival dos Festivais, em 1985.

Leila e Marcus Fernando assinam a arquitetura do repertório, em vez de apenas empilhar sucessos numa lista. A própria cantora descreve o processo como uma curadoria guiada pela canção. "Essa costura foi acontecendo naturalmente e a beleza da música, sempre soberana, era quem norteava a minha escolha final".

Divulgação



Leila Pinheiro: 'A alegria contagiante do samba é o que me interessa no show de agora'

A banda é parte decisiva dessa leitura. Hudson Santos, no violão de sete cordas, Diego Zangado, na bateria, Leandro Pereira, no cavaquinho, Júlio Florindo, no contrabaixo, e Luiz Augusto, na percussão, formam a base que leva ao palco diferentes pulsações do gênero. A direção musical é da própria Leila, que alterna voz e teclados e reserva momentos em que fica sozinha ao piano. Sobre esses trechos mais despojados, ela afirma: "É hora de troca máxima com a plateia: eu, minha voz e o piano."

"Viva Meu Samba" aposta na energia coletiva que a cantora reconhece no gênero. "A alegria contagiante do samba é o que me interessa no show de agora", resumiu. "O ritmo contagiante, a pulsação forte, cinco músicos com vivências muito ricas dentro do samba, dividindo o palco comigo." É esse encontro entre repertório consagrado, escolhas menos previsíveis e uma banda de linguagem própria que sustenta a apresentação.

SERVIÇO

LEILA PINHEIRO - VIVA MEU SAMBA

Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100 - Centro)
8/10, às 19h
Grátis, com retirada de ingressos meia hora anes da apresentação

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Italiano fecha residência artística no Rio

Divulgação



O contrabaixista italiano Giulio Scianatico encerra residência artística no Rio nesta quinta, às 18h, no Instituto Italiano de Cultura, em concerto ao lado do pianista Alessandro Lanzoni e do baterista Edu Ribeiro, integrante do Trio Corrente. O flautista e saxofonista Edu Neves participa como convidado de uma apresentação que reúne composições dos dois italianos, obras de Neves com espaço para improvisação. Grátis

Duo de sopros e violão relê clássicos da MPB

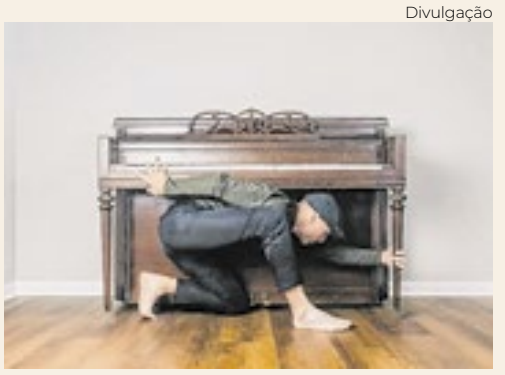
Divulgação



Alexandre Caldi, no saxofone e na flauta, e Rafael Mallmith, no violão de sete cordas, ocupam nesta quinta-feira (8), às 19h, a Sala Paulo Moura do Centro da Música Carioca Artur da Távola, na Tijuca. O duo aproxima composições próprias de releituras de Pixinguinha, Paulo Moura, Baden Powell e Cesar Camargo Mariano; os ingressos custam R$ 50, com meia-entrada a R$ 25.

Matthew Mayer encerra turnê brasileira

Divulgação



O estadunidense Matthew Mayer e a brasileira Luciana Hamond apresentam "Beyond Trust" no Manouche, no Jardim Botânico, nesta quinta (8), às 21h. Em um único piano, os dois se alternam em composições autorais que transitam entre lirismo, atmosfera cinematográfica e linguagem neoclássica. O concerto encerra a passagem brasileira de Mayer, cuja turnê também passou por Cuiabá e São Paulo.

Rubens Kurin revisita obra de Angela Ro Ro

Divulgação



Rubens Kurin revisita a obra de Angela Ro Ro em Não Penses Ter a Vida Inteira, nesta quinta-feira (8), às 20h30, no Dolores Club, no Centro. Concebido inicialmente para marcar os 75 anos da compositora, o show ganhou caráter de homenagem póstuma após sua morte, em setembro de 2025. "Amor Meu Grande Amor", "Só Nos Resta Viver", "Gata Moleque Ninfa" e "Fraca e Abusada" estão no repertório.

Morre **Juarez Machado,** aos 85

Pintor, desenhista, escultor, cartunista, mímico e cenógrafo levou o humor de desenho para a TV nos anos 1970

Divulgação



Depois do sucesso na TV, Juarez Machado dedicou a maior parte de seu tempo à pintura

Multiartista pode ser uma definição desgastada e usada à exaustão, mas não para explicar quem foi Juarez Machado, que morreu no fim da tarde desta terça-feira (6), no Hospital Universitário de Vassouras RJ). Ele estava internado havia cerca de um mês para tratar uma pneumonia e, segundo a família, dava sinais de melhora — foi quando o coração parou. Ele tinha 85 anos e convivia, nos últimos anos, com um quadro de Alzheimer. A parada cardíaca por complicações da pneumonia é a causa oficial, confirmada pelo Instituto Internacional Juarez Machado, o IIJM, entidade que o próprio artista fundou para cuidar do próprio legado.

"Joinvilense de nascimento e cidadão do mundo por vocação, Juarez Machado construiu uma trajetória singular nas artes, reconhecida no Brasil e no exterior", disse a nota do instituto.

Com ele se fecha um dos raríssimos dossiês da arte brasileira em que a pergunta "o que você faz?" exigia um parágrafo de resposta. Pintor, desenhista, gravador, escultor, cartunista, ilustrador, mímico, ator, cenógrafo e escritor — a lista, que em qualquer outro soaria curículo inflacionado. "Eu não sou mímico, eu sou um desenhista, um desenhista do gesto. E o gesto é, na verdade, o pensamento em imagem", definia ele próprio. O crítico Jacob Klintowitz foi na mesma linha: Juarez era "um narrador e não um juiz", encenava situações em vez de explicá-las.

Nasceu em 16 de março de 1941, numa casa onde a imagem fazia parte da rotina. O pai, João de Oliveira Machado, era caixeiro viajante, colecionador de antiguidades, restaurador de relógios e fotógrafo amador. A mãe, Leonora Busch Machado, pintava leques numa fábrica local. Aos 14 anos, o menino já desenhava rótulos e embalagens de remédios numa gráfica. Curitiba veio depois, com a Escola de Música e Belas Artes do Paraná e a primeira individual. E o Rio, em seguida, com a projeção nacional como chargista e desenhista de humor para "O Cruzeiro", "Jornal do Brasil" e "O Pasquim".

Foi no Rio que Juarez invadiu a sala de estar do país. Cenógrafo da TV Globo, estreou em 1974 um quadro no "Fantástico" em que, com o rosto pintado de branco, dava vida aos próprios desenhos — tornou-se o pioneiro do desenho de humor na televisão brasileira. No mesmo ano, assinou a cenografia e os figurinos do primeiro especial de Roberto Carlos, e depois trabalhou em projetos de Elis Regina, Raul Seixas e Emílio Santiago. "Eu fiz essa bicicleta de rodas quadradas, e eu brinco, para andar nesta cidade de buracos redondos", explicava, sobre a obsessão com bicicletas impossíveis.

Reprodução YouTube



Em suas participações no Fantástico, Juarez interagia com seus desenhos

> *"Eu não sou mímico, eu sou um desenhista, um desenhista do gesto. E o gesto é, na verdade, o pensamento em imagem"*
>
> **JUAREZ MACHADO**

No fim dos anos 1970, a pressa da televisão deu lugar à lentidão da pintura — mas a mímica, a cenografia e a caricatura reapareceram nas telas, onde objetos banais viravam atores de pequenas cenas. Em 2022 recebeu importante retrospectiva no Museu Oscar Niemeyer, com 166 obras expostas.

Nos anos 1980 estabeleceu ateliê em Montmartre, reduto parisiense de boemia e artes. Lá na França recebeu a Ordem das Artes e das Letras, a maior condecoração cultural do país. A memória, porém, nunca emigrou: Joinville, Copacabana, Veneza e o circo seguiam povoando as telas. A cidade natal devolveu a gentileza em pedra e cimento. O mural cerâmico "O Grande Circo" estampa desde 1998 a fachada do Centreventos Cau Hansen, onde funciona o Teatro Juarez Machado, inaugurado em sua homenagem. Em 2014, o instituto que leva seu nome ocupou a antiga casa dos pais — lá, em 2020, ele velou a esposa, Melina Mosimann, diretora do instituto, morta aos 53 anos por câncer.

A repercussão correu a noite e a manhã. "Hoje, ainda, eu estava me lembrando de Curitiba, onde tudo entre nós começou, uma amizade muito grande que perdurou até agora. O Brasil perde um artista múltiplo. Juarez Machado, uma grande pessoa, um grande amigo", disse o ator Ary Fontoura, parceiro de juventude. A Prefeitura de Joinville decretou três dias de luto oficial. "Juarez será sempre lembrado pelas suas obras, personalidade marcante e irreverência", diz a nota. A Associação de Artistas Plásticos de Joinville pediu "que sua obra continue falando por ele", a Fundação Catarinense de Cultura publicou nota de pesar, o Hospital Dona Helena destacou o homem "apaixonado pela vida" e a Artestil Galeria, de Curitiba, registrou que "parte essencial da história da arte brasileira se despede hoje".

A única frase que ele deixou pronta para a ocasião, porém, já existia: "Pena eu morrer um dia. Ainda teria tantas coisas para viver. E é a chance da gente entrar para a eternidade. Só a arte é eterna."

SÓ CARIOQUICES



por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Aldir, o professor que a História não conta

Divulgação

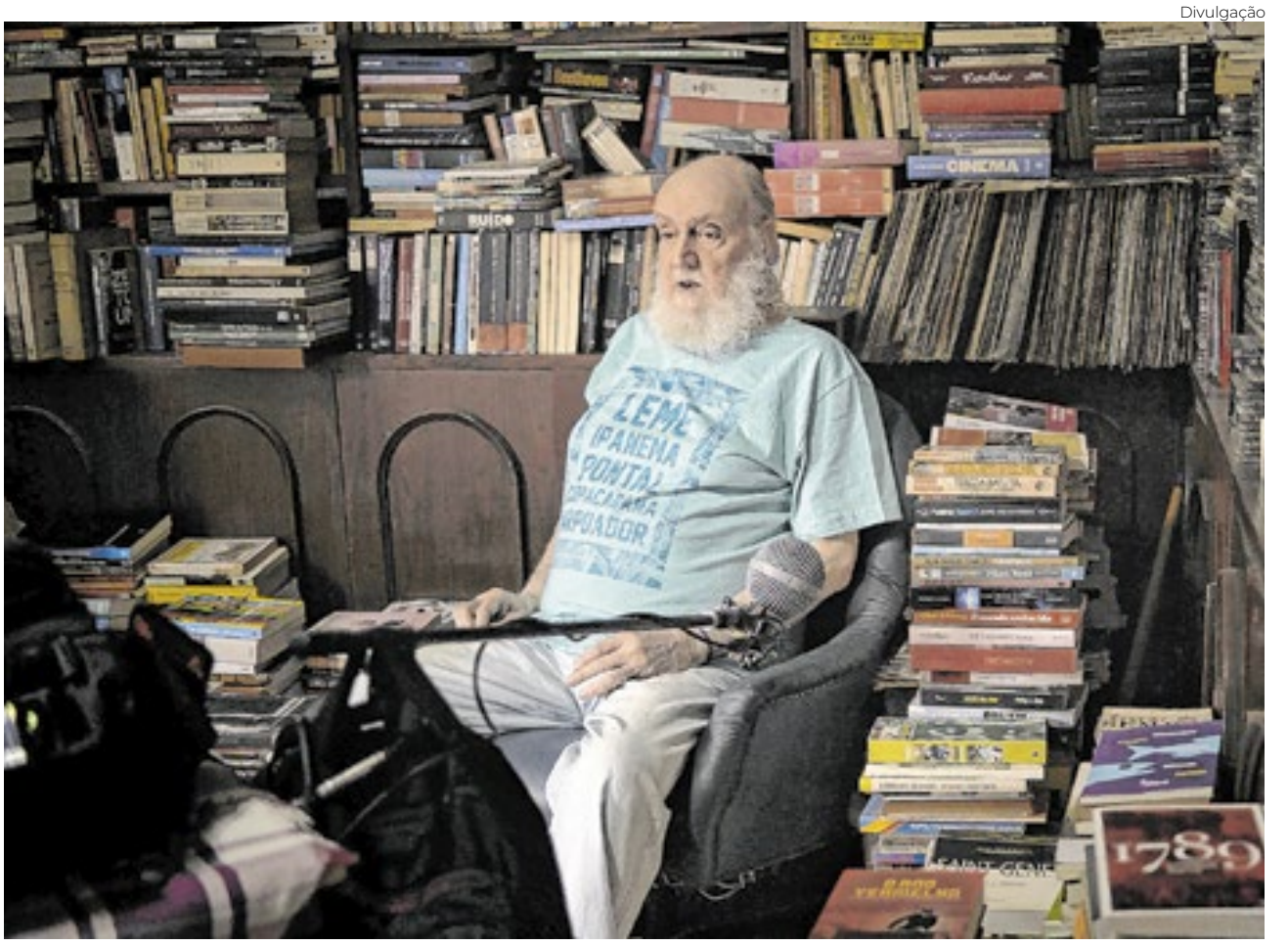


Imagem do documentário 'Aldir Blanc - Resposta ao Tempo'

Aldir Blanc está em cartaz. O Festival do Rio exibe este ano dois documentários sobre ele, ambos na competição da Première Brasil. "Aldir Blanc – Resposta ao Tempo", de Marcus Fernando e Hugo Sukman, parte da definição de Dorival Caymmi: ourives das palavras. "Fui Olhar Você Dormir", de Anna Azevedo, vai pelo lado íntimo, com 35 anos de amor contados em cerca de 2 mil bilhetes que Aldir deixou para Mari Lúcia, e que seguem aparecendo pelo apartamento seis anos depois da morte do compositor e cronista tijucano.

Um filme mostra o letrista que o Brasil cantou. O outro, o marido que escrevia bilhetes. Fiquei pensando em qual dos dois me conheci primeiro. Nenhum, para ser sincero. O Aldir que conheci foi o professor.

Era 1985, eu estava para completar 11 anos e estudava no Colégio Anglo Americano, em Botafogo. Como sempre, nada de caderno aberto antes de acabar o carnaval. Entre tantos desfiles, um ficou na minha cabeça como pulga atrás da orelha: o da União da Ilha do Governador, que homenageava um tal de João Cândido. Eu nunca tinha ouvido falar. A escola já havia sido firme no ensino de História do Brasil nos dois anos anteriores, e nem uma palavra sobre ele.

Sem biblioteca por perto, recorri ao Jornal do Brasil do domingo de carnaval, que eu guardava desde 1983.

Estava lá: o enredo da Ilha, e o samba lindo, nasciam de uma canção de Aldir Blanc e João Bosco, "O Mestre-Sala dos Mares". Cabeça de menino não pega metáfora. Achei que era homenagem a algum baliza antigo que gostava de nadar, sei lá... Fui à Kaele Discos, em Copacabana, comprei o álbum da Elis Regina em que a música estava e me apaixonei de cara.

> *Um filme mostra* o letrista que o Brasil cantou. O outro, o marido que escrevia bilhetes. Fiquei pensando em qual dos dois me conheci primeiro. Nenhum, para ser sincero. O Aldir que conheci foi o professor

Os versos deixavam claro que se tratava de uma figura histórica. Só não explicavam por que ninguém falava dela na escola.

Esperei que o currículo respondesse. Os meses passaram e nada. Quando a matéria chegou ao século 20, perdi a paciência e fui atrás da professora Anileda, no corredor mesmo. Contei tudo, do desfile à poesia do Aldir. Ela marcou uma aula particular na biblioteca, na hora do recreio.

Foi ali que soube da Revolta da Chibata, em 1910, no Rio: marinheiros exigindo o fim dos castigos físicos, liderados por um militar pobre e negro, João Cândido, que a História empurrou para a margem. Não havia livro nem registro. Era o rastro de duas décadas de repressão e censura. A própria canção apanhou da Censura. Aldir contou anos depois que o censor implicou com a palavra "negro" no título original, e que o censor era negro. Saiu dali, entrou num bar e não conseguia levar o copo à boca de tanto que tremia. Não era medo. Era descobrir que o problema com João Cândido nunca foi só político.

Aprendi tudo isso no recreio, de um jeito quase subversivo, por causa de uma música.

Entendi que a verdade escolar não é a única e que cabe a gente escarafunchar. Por isso sempre chamei Aldir de meu primeiro professor da História que a História não conta. Escrevi isso em maio de 2020, dias depois da morte dele, sabendo que nunca teria a chance de dizer pessoalmente.

Agora o Festival do Rio põe o Aldir em duas telas, e acho que o menino de 1985 gostaria de saber. Um garoto saiu de um desfile de escola de samba e foi parar numa aula de História.

Mais de quarenta anos depois, o cinema vai atrás do homem por trás das canções, e ele aparece inteiro: o cronista do Rio que Caymmi chamou de ourives e o marido que escondia bilhetes de amor pela casa. Imagino que Aldir acharia graça de virar atração de festival. Eu continuo devendo a ele, como escrevi em 2020. E ainda tem muita história nas canções dele esperando um menino curioso.